

Simonsen defende pagamento simbólico

O ex-ministro Mário Henrique Simonsen considera prudente o Brasil fazer um pagamento simbólico do equivalente a um mês dos juros devidos da dívida externa e sustenta que esta é a maneira do país evitar que os credores rebaixem o Brasil na categoria dos empréstimos de riscos. Simonsen acha que o não pagamento simbólico pode implicar em retaliações dos credores que não renovariam as linhas de financiamento interbancário de curto prazo, que está em torno de 15 bilhões de dólares.

Simonsen criticou a postura do governo na condução da negociação da dívida externa e afirmou que "a moratória não pode ser eterna porque senão vira

calote". O ex-ministro insiste em que o não pagamento de parte dos juros levará os credores a um endurecimento e pode isolar o Brasil da comunidade financeira internacional. O pagamento, ainda que simbólico, ao contrário, sinalizará aos credores a disposição brasileira de sentar à mesa de negociação, ato que desanuviaria a tensão das relações do país com os bancos credores.

Ao contrário do ex-ministro Delfim Neto, Mário Henrique Simonsen não acredita que a inflação possa explodir nos próximos meses. Mas ele ressalta que não ficaria surpreso se a inflação alcançasse os dois dígitos no final do ano. Isto

porque, acredita, não se combate inflação apenas com a política monetária. Para o ex-ministro é necessária também uma política fiscal ativa, reduzindo gastos ou aumentando impostos. Simonsen acha que se a expansão monetária continuar no ritmo em que está, com taxas de 12% ao mês, os dois dígitos da inflação podem mesmo retornar até o final do ano.

Simonsen participou ontem da solenidade de entrega do prêmio *Pioneirismo Empresarial*, oferecido pela Cia. Suzano de Papel e Celulose a oito empresas que se destacaram no ano passado. Simonsen foi um dos jurados, ao lado do jornalista Joelmir Betting.